



**José Lourenço**

## Autofagia

*“A autoridade que regula o sector do medicamento exortou a bastonária da Ordem dos Farmacêuticos a denunciar a este instituto as informações que tenha sobre a circulação de medicamentos contrafeitos no circuito legal. O Infarmed reagia assim à notícia avançada pela Lusa, segundo a qual a bastonária da Ordem dos Farmacêuticos considera que as farmácias nos hospitais só conseguem dar margens de 30 por cento às unidades se recorrerem a meios ilícitos, como venda de medicamentos contrafeitos. Em declarações à Lusa, a bastonária Elisabete Faria acusou as farmácias instaladas em hospitais de «concorrência desleal».”*

Há algum tempo atrás, prometi falar da contrafacção de medicamentos, no final de um texto sobre as exportações paralelas. São coisas diferentes, eu sei, mas há uma lógica pavloviana que me faz associar a duas situações.

Sobre o combate à contrafacção, há uma realidade não totalmente conhecida a ser controlada pelos laboratórios e autoridades, mas parece-me haver uma lógica para que o tema seja avaliado e combatido fora de grandes especulações, dada a sua sensibilidade.

Já noutros pontos do globo, a preocupação é maior, por envolver países muito pobres, permissivos e com dificuldade em reagir contra as máfias do sector.

Há poucos anos, num seminário interno que tivemos na Rússia, foi-nos relatado por Philippe Besse, ex-director geral da S-A naquele país, o quadro arrepiante, pela dimensão e sofisticação da falsificação dos fármacos e respectivas embalagens, na zona correspondente à Ex-União Soviética.

Se passarmos para o Continente Africano, a situação é igualmente uma afronta, por afectar pessoas diminuídas entre as mais diminuídas (ainda mais porque doentes).

A contrafacção de medicamentos é um dos crimes mais horrendos que se pode cometer, comprometendo a vida e a confiança em momentos de necessidade acrescida.

Um responsável da GSK referia num programa televisivo recente que falsificar medicamentos com substâncias inócuas (?) ainda é o mal menor. A utilização de doses sub-terapêuticas (antimaláricos e antibióticos) concorre de forma gravíssima para a criação de resistências no seio destes populações, que não precisavam desta cereja no “bolo” de que é feita a sua vida.

Contamos que, com o desenvolvimento dos países e zonas envolventes onde estão sediados esses fabricantes da desgraça, a situação seja progressivamente controlada e que a Humanidade consiga estripar o mal pela raiz, e reduzir às doenças o único mal de que padecem os doentes. Têm esse direito.

Sobre a notícia reproduzida inicialmente

A senhora bastonária deveria saber que estes assuntos devem ser tratados de forma objectiva e não dúvida, tipo *palpite*. Sei que estamos num tempo em que as pessoas dizem que acham, depois a comunicação social coze a atoarda em lume brando no painel da opinião pública, e lá temos mais um caso (tipo escutas de Belém).

Desleal, senhora bastonária, é eu não poder ter uma farmácia (e poder ter um Hospital) e desleal é o sem fim de políticas comerciais que não tem paralelo em todas as actividades que eu conheço.

A protecção que tem sido dada às farmácias no seu conjunto é uma obscenidade a que já devia ter sido posto cobro há imenso tempo. Mas neste negócio vale tudo e Elisabete Faria confirma-o, não hesitando em lançar suspeitas sobre o conluio de colegas seus com as piores máfias do mundo.

Acho que (já agora!!!) teve alguma proposta rejeitada para a abertura de uma farmácia hospitalar. 